

O constituir-se Pesquisador e a Pesquisa: contribuições do materialismo histórico dialético

SILVA, Bráulio Ramos da¹
Doutorando - Universidade de Uberaba - UNIUBE.
Professor e coordenador - UNIARAXÁ
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5063-1132>.
CV: <http://lattes.cnpq.br/1556643862998262>
E-mail: brauliokaue@yahoo.com.br

VELLOZO, Sarah Rachel Gonczarowska
Pós doutora - Universidade de Uberaba- UNIUBE.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>.
CV: <http://lattes.cnpq.br/8775502854963416>
E-mail: sarahrgvellozo@gmail.com

10.29327/evidencia.v20.i21.a8

Resumo: O artigo aborda a jornada de um doutorando em busca de seu objeto de pesquisa, destacando a complexidade e importância desse processo. Reflete sobre a relação entre o pesquisador e a realidade, enfatizando a influência da subjetividade na definição do objeto de estudo. Com base no Materialismo Histórico Dialético, discute a necessidade de uma postura ativa do pesquisador, que deve compreender as contradições presentes na realidade e adotar um método sistemático para a pesquisa. O texto destaca a formação do pesquisador como uma tarefa desafiadora, que vai além do domínio de técnicas, exigindo um movimento de apropriação do mundo e de si mesmo.

Palavras-chave: Pesquisador. Materialismo histórico dialético. Subjetividade.

Abstract: The article addresses the journey of a doctor in search of his research object, highlighting the complexity and importance of this process. Reflect on the relationship between the researcher and reality, emphasizing the influence of subjectivity in defining the object of study. Based on dialectical historical materialism, it discusses the need for an active stance on the part of the researcher, who must understand the contradictions present in reality and adopt a systematic method for research. The text highlights researcher training

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

as a challenging task, which goes beyond mastering techniques, requiring a movement of appropriation of the world and oneself.

Keywords: Researcher. Dialectical historical materialism. Subjectivity.

Introdução

O presente texto pretende apresentar as reflexões de um doutorando em busca de seu objeto de pesquisa. Uma tarefa que aos poucos vai anunciando a dura jornada deste jovem pesquisador que pretensamente debruça-se sobre a realidade a fim de organizá-la minimamente para poder apreendê-la. Adianto que essa não é uma tarefa fácil, já que a realidade aparentemente se organiza e se apresenta de forma aleatória, solta num universo caótico de determinações. Em contrapartida, a escolha de um objeto de pesquisa é um processo de íntima imbricação pessoal, pois parte do encontro entre a intenção de quem o busca e o que emerge deste caos que se põe à frente do pesquisador.

Não é exagero dizer que cada quadro situacional, cada período histórico, cada configuração diferente de determinantes, contribui para a definição e especificidade do objeto de estudo. Mas isso não é suficiente para explicar a escolha e a definição pelo objeto. Esta relação entre pesquisador e objeto carrega uma potência que perpassa a própria subjetividade do pesquisador. Cada época, contexto ou fenômeno, é apreendido pelo investigador, segundo a maneira pela qual ele próprio o constrói internamente. O faz por um processo de tomada para si daquilo que está posto, externo a ele, em si (DUARTE, 1993). Tornar-se pesquisador requer movimento de apropriação do mundo e apropriação de si enquanto realidade consciente.

A formação do pesquisador é uma tarefa exigente e desafiadora que Sánchez Gamboa (1996), nos ajuda a entender. Segundo o autor:

a formação do pesquisador não pode restringir-se ao domínio de algumas técnicas de coleta, registro e tratamento dos dados. As técnicas não são suficientes, nem constituem em si mesmas uma instância autônoma do conhecimento científico. Estas têm valor como parte dos métodos. O método, ou o caminho do conhecimento é mais amplo e complexo. Por sua vez, um método é uma teoria de ciência em ação que implica critérios de cientificidade, concepções de objeto e de sujeito, maneiras de estabelecer essa relação cognitiva e que necessariamente remetem a teorias de conhecimento e a concepções filosóficas do real. Essas diversas concepções dão suporte as diversas abordagens utilizadas nas construções científicas e na produção de conhecimentos (SÁNCHEZ GAMBOA, 1996, p. 7).

Apreender-se enquanto sujeito consciente que se move no mundo e o apreende de uma forma peculiar é outro desafio que tem o pesquisador. Para isso, conhecer as teorias do conhecimento, ou seja, a Epistemologia, poderá direcio-

nar essa compreensão além de poder contribuir sobremaneira para fortalecer o processo de constituição do pesquisador ao mesmo tempo em que fundamenta sua produção acadêmica. A Epistemologia oferece contribuições que se estendem desde o favorecimento de alinhamentos teóricos e metodológicos capazes de sustentar as discussões e argumentações provocadas pela realidade estudada até o endereçamento das reflexões do pesquisador.

O movimento que permite produzir conhecimento coincide com o movimento de o sujeito tornar-se pesquisador, e é, a princípio, um processo de construção de “verdades parciais” que tanto pode negar quanto incorporar o “velho” e, quando necessário, reconhecer seu processo de caduquice (BARBOSA, 2006, p. 286). Portanto, o conhecimento e o conhecer são produtos da ação humana e estão sujeitos a todas as intempéries ditadas pelo tempo, pelo espaço social ou quaisquer forças atuantes sobre essa atividade. É um movimento de entrega, de incorporações e abandonos. Assumimos roupagens cada vez mais complexas quando nos aventuramos a escrever e tomar consciência desse caminhar autoral.

Estabelecemos autoria quando decidimos nos apropriar de um conceito e estudá-lo mais a fundo. Resgatamos aqui Sánchez Gamboa (1996), quando este nos confirma a importância do método, do objeto e das técnicas em uma pesquisa. As concepções epistemológicas devem permear e oferecer sustentação em todo o caminho da produção científica e da produção do próprio pesquisador. E, assim, se desenvolvem o conhecimento e a ciência enquanto produtos da atividade humana. São, portanto, derivados da relação material entre o homem e a natureza e mobilizados pelas necessidades materiais desse homem concreto postos de diferentes formas em cada momento histórico (CARVALHO, 2013; COSTA, 2016).

Devemos considerar tanto o conhecimento quanto a própria ciência, como um todo integrado aos determinantes histórico-sociais que lhe impõem modos, lugares e usos. É importante reforçar que a ciência é “um sistema de conhecimento humano com objeto determinado e método conhecido” (KOPNIN, 1978, p. 20). É o que tentamos defender até aqui, que o refinado produto da atividade humana de pesquisar e teorizar, está intimamente carregado de intencionalidade, de movimento de auto formação, e também de rigurosidade e sistematicidade.

Formar-se pesquisador se dá em um movimento de extrema entrega que deve ser tomado como ares de comprometimento por este que o vive por vezes consciente de sua atividade, mas que por vezes se põe apenas como um brinquedo nos desdobramentos dos determinantes responsáveis pela constituição de toda a realidade.

Após compreendermos a íntima ligação entre o sujeito e a realidade, faz-se necessário aprofundar um pouco mais sobre o conceito de subjetividade.

Assumimos aqui que o movimento de compreensão de um conceito requer que consigamos pensá-lo de forma aplicada, ou seja, em movimento, em sua concretude. Assim, pensar a subjetividade aqui, nos convoca a pensar o processo de constituição desta subjetividade, ou seja, pensar a atividade vital constituidora desta subjetividade.

A subjetividade deslocada de seu sujeito é uma abstração, uma construção

metafísica que não dá conta da realidade, por isso defendemos que a atividade realizada pelo sujeito determina a constituição de sua própria subjetividade. Dessa forma, conhecer como o sujeito se aproxima da realidade, como este destaca em meio ao caos, seu objeto, lança-nos pistas sobre a formação de sua subjetividade. Isso porque o objeto assim definido como instância a ser compreendida pelo pesquisador, pressupõe uma interrelação entre aquele que o busca e aquilo que emerge de forma inquietante, em meio à realidade.

A escolha pelo método também compõe a manifestação da intencionalidade deste sujeito. É um movimento de lançar-se para fora se agarrando vorazmente a uma forma de apreender esse mundo, e o método dialético parece-nos uma possibilidade mais agradável, porque mais familiar a este autor, e permite a apreensão desta dinâmica já que se põe como um método que persegue a compreensão de tais “fenômenos na sua complexidade e historicidade” (MOTTA, 2013, p. 63).

Aprender essa dinâmica, irá garantir que possamos obter maior clarificação do objeto, pois quanto mais límpido for este questionamento da realidade, maior será a compreensão das contradições presentes na realidade social humana.

Buscando aproximarmo-nos cautelosamente do conceito de subjetividade, verificamos que Gonzalez Rey (1996, p. 85) a define como um “complexo sistema de formações e subsistemas psicológicos, estreitamente relacionados entre si, no que seus conteúdos e sua expressão funcional se manifestam em múltiplas e diferentes formas, tendo sentidos psicológicos diferentes”. Uma forma pela qual as múltiplas configurações de espaços sociais e ordens diferentes se configuram subjetivamente em cada espaço social concreto, em seus processos constituintes e nos indivíduos que interatuam nesses espaços. Forma-se assim, um sistema integral de configurações subjetivas (grupais e individuais), que fazem intercâmbio nos diferentes níveis da vida social, de acordo com as interrelações estabelecidas em cada diferente instituição e situação social (TACCA, & GONZALEZ REY, 2008).

Cada sujeito, inserido socialmente, realiza uma experiência inter e intrapessoal estabelecendo ponto de encontro e contradição entre os mundos que se colidem nesse cenário. Estas experiências fornecem conteúdo para as configurações subjetivas singulares dos agentes envolvidos nessa relação.

Compreender o funcionamento da subjetividade nos permite enxergar as melhores formas de criar espaços dialógicos com a realidade e confere ao pesquisador, caminhos de apreensão das particularidades do fenômeno, além de favorecer a produção de indicadores que possibilitam a construção de hipóteses perante as informações derivadas dos instrumentos de pesquisa utilizados. Martínez (2014, 2014, p. 78), arrisca a dizer que “se não existe compreensão de como a subjetividade funciona, dificilmente o pesquisador poderá perceber o valor que uma determinada informação, ou, inclusive, a ausência dela – pode ter para seu processo construtivo”.

O objeto busca o investigador na mesma medida que o investigador pretensamente deseja atribuir-lhe sentido. Dessa forma, enquanto conceito, a subjetividade se apresenta inicialmente para nossos olhares ingênuos de pesquisador, como um sistema de onde irá emergir nosso objeto e também a questão ou o nos-

so problema de pesquisa. A subjetividade colocada aqui é ainda só um conceito, uma abstração e precisará ser mais bem compreendida e apresentada. Mas, quando falamos da subjetividade do pesquisador, devemos falar de todo o movimento do e no constituir-se pesquisador enquanto processo de constituição de sua subjetividade. Dessa forma, temos maiores chances de nos aproximarmos cada vez mais do nosso objeto e do nosso problema. Este movimento nos convida a pensar a realidade concreta de nossos pesquisadores enquanto sujeitos que realizam o trabalho de pesquisa e que se constituem enquanto atuam na realidade, formando, nesse processo, sua subjetividade e suas configurações de sentido e significado.

Tudo isso é fruto da inquietação interessada do pesquisador que persegue a tarefa de construir seu objeto e seu problema, e que, por enquanto, tal empreitada parece-nos árdua e desafiadora; o que nos sinaliza para a necessidade de um maior aprofundamento, aproximação e imersão nessa temática e realidade.

Como colocamos anteriormente, o materialismo histórico dialético, nos oferece princípios essenciais para auxiliar-nos na apreensão da realidade de forma crítica, sendo, portanto, extremamente importante assumirmos uma atitude materialista, histórica e dialética ao nos aproximarmos das leituras e discussões que rodeiam a temática. Marx (1996), enfatiza o papel fundamental do pesquisador que, ao se relacionar com a realidade estudada, deve “apoderar-se da matéria, em seus pormenores,

[...] analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão que há entre elas” (MARX, 1996, p. 18). Há, portanto, que apreender as contradições presentes na realidade e a força motriz que sustenta a constituição da realidade.

O pesquisador tem postura ativa no processo de estudo, e esta começa pela escolha do método. O método ocupa também a função de conferir direcionamento, como uma bússola em meio ao caos da realidade (FERNANDES, 2007). Ao assumir a escolha pela base epistemológica e pelo método, admitimos que a concepção de homem, as concepções de mundo e as formas de apreensão dessa realidade não se dão de forma cindida.

1. O que conhecer e como conhecer?

A única ciência é a história, ela é, portanto, histórica no sentido de ser uma produção humana (PINO, 2000). O pesquisador ao valer-se do referencial epistemológico do materialismo histórico-dialético, busca em seu movimento de conhecer, evidenciar a contradição entre a aparência e a essência da realidade estudada. Em primeiro lugar, o pesquisador tem contato com a realidade a partir de uma atividade prática sensível, ou seja, ele parte de uma intuição prática da realidade. Esse movimento fornece condições para formação do ambiente material e para a atmosfera reflexiva, para o mundo psíquico.

Nesse momento a natureza se manifesta como algo inatural e permite que seja conhecida. Esse nível de conhecimento, como foi dito, ainda não acessa

a concretude da realidade, mas, como aponta o autor Karel Kosik (1976), nos oferece elementos de sua pseudoconcreticidade, pois o conhecimento não é contemplação. Não se pode rigorosamente conhecer algo somente ao olhar. É necessário um processo ativo, um movimento de abstração que revele a dinâmica entre a aparência e a essência do fenômeno.

Para conhecer a coisa-em-si o homem deve transformá-las em coisas-para-si, ou seja, submetê-la à própria práxis transformadora (KOSIK, 1976). Ao fazê-lo, o pesquisador se apropria da realidade e constrói sentidos objetivos e subjetivos para sua apreensão, categorização e posteriormente, generalização.

A realidade, portanto, não se mostra totalmente, o todo não é imediatamente cognoscível ao pesquisador, mas apresenta-se enquanto um todo caótico em sua forma sensível. Ele é ainda um todo carregado de representações. Como dissemos anteriormente, é necessário o trabalho do pesquisador para conhecer o todo em sua concretude. É necessário um caminho sistemático previamente apresentado.

O método aqui deve ser entendido como um método do pensamento, um movimento do e no pensamento que caminha da parte para o todo e faz o movimento contrário indo do todo para a parte. Este processo pode ser nomeado como o progresso da abstratividade [?!] à concreticidade, ou, da aparência à essência, que vai do fenômeno para a essência e da essência para o fenômeno, da totalidade para a contradição e da contradição para a totalidade, do objeto para o sujeito e do sujeito retornando ao objeto e produzindo então transformação (KOSIK, 1976).

Segundo o Materialismo Histórico dialético a abstração é um processo no qual o interesse recai também naquilo que está por trás do aparente, buscando descobrir propriedade, os aspectos e indícios e as relações que constituem a essência do objeto concreto. Buscamos dessa forma, descobrir novos aspectos do objeto que traduzam suas relações essenciais.

A partir do método dialético é possível nos ocuparmos da atividade de reorganizar a realidade numa síntese de múltiplas determinações. É importante esclarecer que esse movimento não cria o concreto, pois este já está dado, mas permite conhecê-lo em suas forças, tensões e contradições.

Chegamos às categorias como formas organizadas de todo. É importante considerar que “as categorias refletem a realidade, não a criam” (MORAES, 2000, p. 33). Para conhecer um fenômeno social necessitamos que o método permita apreender essa realidade em sua concretude, e as categorias são formas de organizá-las que consideram, portanto, as contradições presentes nas relações entre sujeitos e o objeto como forma de organização social.

A teoria materialista da realidade defende que o ato de conhecer é uma reprodução espiritual da realidade. Espiritual no sentido reflexivo. Esta epistemologia nos permite captar o caráter ambíguo da consciência que escapa tanto ao idealismo quanto ao positivismo. Esta consciência proposta pela teoria materialista histórico-dialética tem origem social e é ao mesmo tempo reflexo e projeção da realidade.

A consciência enquanto fenômeno social é constituída a partir da relação, da atividade do homem sobre a realidade, do seu trabalho. O marxismo define-a

assim, como substância a própria dinâmica do objeto, sua dialética. A substância é aqui compreendida como o próprio movimento da coisa ou a coisa em movimento.

Considerações finais

Segundo Nóvoa (2002), não há aprendizagem sem experiência e sem uma reflexão pessoal e autobiográfica sobre a mesma. Essa reflexão e autoanálise estão intrinsecamente ligadas [?] ao movimento de constituir-se pesquisador. Nas interações entre o pesquisador e a realidade perfazem-se movimentos de contínuas transformações, portanto, a cada experiência, a cada situação e em cada momento único somos capazes de reconfigurarmos nossas relações de trabalho, configurando-se nossa subjetividade. Este é nosso caminho na pós-graduação.

Falamos aqui de relação, de constituição compartilhada em que o pesquisador atua na emergência do objeto, este por sua vez, aponta o horizonte de possibilidades do que pode ser conhecido. Esta relação irá então compor a subjetividade do pesquisador e que por sua vez, irá/poderá transformar também este objeto. O investigador se descobre enquanto investiga, organiza e faz-se inquiridor da realidade. Ele se constitui ao passo que constitui sua própria subjetividade na relação. O processo de interpretação volta-se para si; portanto, nada sobre esse processo deve ser desconsiderado.

Referências

- BARBOSA, I, G. **Pré-escola e formação de conceitos: uma versão sócio-histórico-dialética**. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. O Método de Investigação na Psicologia Histórico-Cultural e a Pesquisa sobre o Psiquismo Humano. In.: **Psicologia política**. v. 9, n. 20. p. 345-361, jul.- dez., 2010.
- CARVALHO, Saulo Rodrigues de. O estágio Supervisionado da Teoria à Prática: reflexões a respeito da epistemologia da prática e estágio com pesquisa, a luz da pedagogia histórico-crítica. In: **Revista HISTEDBR OnLine**, Campinas, n. 52, p. 321-339, set.2013.
- DUARTE, N. **A individualidade para-si: contribuições a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo**. Campinas, Autores Associados, 1983.
- FERNANDEZ, Alicia Guardián. **El Paradigma Cualitativo em la Investigación Socioeducativa**. Colección Ider: San José-Costa Rica, 2007.
- GONZALEZ REY, F. L. **Problemas epistemológicos de la psicología**. La Habana, Cuba: Editorial Académica, 1996.
- KOPNIN, P. V. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjiáns; REY, Fernando Luis González. **Subjetividad**: teoría, epistemología y método. Campinas: Alínea, 2014.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Trad. Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

_____. **O Capital**. Crítica da economia política. v. I. t.1. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Nova cultural Ltda, 1996.

MORAES, Maria Célia Marcondes de. Dupla problemática do objeto da história: ontológica e Metodológica. In: MORAES, Maria Célia Marcondes de. **Reformas de ensino, modernização administrada**. A experiência de Francisco Campos - anos vinte e trinta. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de publicações. 2000. (teses NUP).

MOTTA, Flávia Miller N. **De crianças a alunos**: a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. São Paulo: Cortez, 2013.

NÓVOA, Antonio. **Formação de Professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

PINO, Angel. O social e o cultural na obra de Vygotsky. Educação e Sociedade. **Revista Quadrimestral de Ciência da Educação**. n. 71. 2. ed. p. (45-78), Campinas: Cedes, 2000.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. **Pesquisa em Educação**: métodos e epistemologias. 3. ed. v. 1, Chapecó, SC: Argos, 2018.

TACCA, M. C. V. R; GONZÁLEZ REY F. L. Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. **Psicologia**: ciência e profissão. [online]. 2008, vol. 28, n.1, pp. 138-161. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000100011>. Acesso em 15 jun. 2022.